

Anabb diz que FMI e Bird fazem pressão

Com base no depoimento que o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, concedeu ao Congresso norte-americano, o presidente da Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil (Anabb), João Botelho, já não tem mais dúvidas de que os bancos norte-americanos estão fazendo pressões, junto ao FMI e o Banco Mundial, para abrir espaços nos países carentes de recursos externos e dependentes, portanto, daquelas instituições, a exemplo do Brasil.

João Botelho não chega ao ponto de afirmar que a liquidação extrajudicial de três bancos estaduais (Rio Grande Norte, Piauí e Paraíba), além da Caixa Econômica de Goiás, faça parte desta estratégia, mas admite que "isso deve estar sendo comemorado — de forma surda, é claro — dentro do FMI, por coincidir com suas metas, disso não tenho a menor dúvida".

PRESSÕES

Ao recordar um trecho do depoimento do subsecretário Mulford, Botelho lembra que a deputada Elizabeth J. Patterson fez a seguinte pergunta: "Muitas nações em desenvolvimento estão tentando conseguir dinheiro novo ou refinanciamento. "A medida que enfrentamos esse problema da dívida, terá o Tesouro planos para utilização deste poder de pressão para conseguir acesso a seus mercados?"

Mulford respondeu: "O Te-



Botelho condena pressões do FMI e Banco Mundial

souro já insiste, especialmente por meio do FMI e o Banco Mundial, onde os empréstimos para esses países estão sendo negociados, de modo que as reformas que essas nações façam para melhorar suas economias incluam reformas no setor financeiro, que se traduzam na abertura dos mercados. Acha-mos que o FMI e o Banco Mundial são os melhores lugares para exercermos o poder de pressão".

SOBERANIA

O presidente da Anabb garante que não tem uma posição xenófoba em relação aos bancos estrangeiros e afirma que "o sistema financeiro, como um todo, seja partilhado em igualdade de condições. Os Estados Unidos, por exemplo, ofereceriam reciprocidade, isto é, a oportunida-

de de nossos bancos atuarem lá com a mesma liberdade? Isto não está em documento algum, até porque seria impossível. Nos Estados Unidos, os bancos têm atuação regional e não nacional, como aqui".

Numa posição mais prudente, Botelho afirma que "nossa sorte é que nem o presidente Collor e seus auxiliares diretos nas áreas econômica e financeira são ingênuos. Nem ingênuos nem entreguistas. Penso, por isso, que saberão esquivar-se das pressões internacionais e não permitirão ingerência externa na reestruturação de nosso sistema financeiro que, da forma pretendida pelo FMI, constituiria uma violação de nossa soberania. Acontece, porém, que nossas autoridades estão no meio de um fogo cruzado no tocante ao sistema financeiro.